

## O eu e o peso da solidão: uma leitura sobre o individualismo contemporâneo

Priscila Souza Vicente Penna  
Jacqueline de Oliveira Moreira

54

*Este artigo tem o propósito de tecer uma leitura sobre o eu e a solidão a partir de uma reflexão acerca do individualismo contemporâneo. Uma das novidades da modernidade é a valorização da autonomia individual, e essa nova configuração cria o espaço para a exacerbação de uma postura individualista apontando o eu como princípio e fim de todas as coisas. Na pós-modernidade assistimos a um convite para o aprisionamento no eu, portanto, na solidão. As solidões aparecem em diferentes figuras, como exemplo as reflexões de Lasch (1983) sobre a cultura do Narcisismo que aponta para a solidão. Para o citado autor a sociedade atual opera o enfraquecimento do vínculo social e, assim, o sujeito tende a minimizar seu campo de investimento libidinal. Nesse sentido, presenciamos ações que revelam uma superficialidade, uma falta de compromisso com o campo do outro. Lipovetsky (1983) afirma que na sociedade ocidental e democrática, dentre outras tendências, há, sobretudo, uma ascensão do individualismo. Vivemos um instante atravessado pelas fraturas, pela possibilidade de quebra daquilo imposto, da valorização do consumo. O narcisismo inaugura a pós-modernidade, ainda que considerada sua indiferença histórica, em cujo esplendor e euforia nos apresenta um suposto novo sujeito em palco renovado de tradições e contradições. Assim, o eu só pode sair da solidão aprisionante se enfrentar a dor da existência, deste “vazio central” Zizek (2002), sem anestésias produzidas pela medicalização ou quaisquer convite outro, seja pelo viés do descartável, do prazer efêmero, da realidade virtual, estampados nas vitrines ofertadas pela sociedade pós-moderna.*

**Palavras-chave:** Psicanálise, interdisciplinaridade, solidão, individualismo, pós-modernidade

Nas sociedades tradicionais, a concepção de identidade, entendida por nós como continuidade de nossas experiências concretas, é inconcebível. Uma das novidades da modernidade é a valorização da autonomia individual. Essa nova configuração cria o espaço para a exacerbação de uma postura individualista apontando o eu como princípio e fim de todas as coisas. O eu se vê prisioneiro de uma armadilha que revela sua condição de ser solitário. Zizek (2002), em um de seus artigos intitulado *Chocolate e Identidade*, constrói uma análise daquilo que constitui um dos aspectos do homem moderno – o “vazio central” – tecida através de uma analogia com o *Ovo Kinder*, um chocolate. Este produto é um pequeno ovo de chocolate, oco, e no seu interior há uma surpresa, um brinquedo de plástico, ou mesmo peças para se montar um.

Há um vazio material no centro deste ovo de chocolate que nos remete à “lacuna estrutural”, conforme escreveu Zizek, segundo a qual nenhum produto é objeto de satisfação plena, tampouco é condizente ao prazer que desperta. “E não há uma clara homologia entre essa estrutura do produto e a estrutura do sujeito universal moderno?” (Zizek, 2002, p.12). Isto é, há negros, brancos, ricos, pobres, homens, mulheres, altos, baixos, porém, no seu âmago, algo equivalente ao brinquedo, que nos aproxima aquilo que é compartilhado por todos os seres humanos.

Ao contrário do *Ovo Kinder*, cuja equivalência está no seu exterior, a casca é igual, e o que está dentro é diferente, tratando-se de seres humanos o que está por fora é distinto (etnia, gênero...), e o que está no seu cerne é o que os caracteriza, aproxima, na sua dignidade humana, conforme afirma Zizek (2002). Embora diferentes o que dá identidade, e simultaneamente a mantém é o que Zizek chamou de *fator X*, é o que produz a aproximação, apesar de suas diferenças existe essa interseção, esse ponto no qual somos

iguais. “Por fora, todos parecemos diferentes, mas lá dentro somos todos iguais, indivíduos assustados e perdidos no mundo, necessitando da ajuda dos outros” (Zizek, 2002, p.12).

Aproximando de uma das faces que se pode extrair da obra “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930), é que não há sujeito, uma vez inserido na cultura, que esteja desobrigado de qualquer forma de sofrimento. A ideia primordial desenvolvida por Freud nesta obra, em linhas gerais, tem como tema principal o antagonismo inexorável, o embate estabelecido entre, por um lado, as exigências da pulsão e, por outro, as restrições da civilização.

Assim, voltando ao ponto de partida: a lição final é que nós todos temos “cabeças de negro”, com um buraco no centro, e aquilo a que nos referimos como o núcleo fixo de nossa identidade é exatamente mais um brinquedo plástico. A verdadeira “luta de ideias” é a luta pelo brinquedo plástico que preencherá o vazio central. (Zizek, 2002, p. 13)

Logo, prescindir apenas das contingências, isto é, daquilo que somos, porque assim nascemos sem mesmo termos sido planejados não dispensa o homem de sua condição, do *fator X*, descrito como uma qualidade essencialmente humana. Por uma vertente de análise similar, Zizek (2007) num artigo denominado *Identidades Vazias* propõe discutir a ética virtual, contrapondo-se à ideia de uma defesa da *internet* como um meio democrático, que por sua vez encobre as diferenças inerentes às vidas “real”<sup>1</sup> e “virtual”<sup>2</sup>.

Há uma máscara construída pelo sujeito quando inserido no cenário das relações sociais, que guarda a repressão do humanamente desprezível o “lado obscuro de nós mesmos” Roudinesco (2008). Entretanto, no palco da brincadeira que se configura subjacente à realidade virtual ou ciberespaço, o que está exposto é a mais íntima das verdades deste sujeito que no jogo das relações sociais apresenta-se sob uma *persona*. Daí pode-se pensar que através desta ficção a verdade deste sujeito vem à tona. O que é digno de destaque repousa justamente no intervalo daquilo que separa o mundo “virtual” do mundo “real”. Logo, o que de fato se é – real, e aquilo que aparenta ser – virtual. Neste sentido, pode-se apontar a transformação da intersubjetividade através do mundo virtual,

1. “1. Que existe de fato; verdadeiro. 2. Aquilo que é real” (Aurélio; Silveira; Ferreira, 1999, p. 683).
2. “1. Que existe como potência, mas não realmente. 2. Com possibilidade de realizar-se. 3. *Inform*. Diz-se daquilo que, por meios eletrônicos, constitui representação ou simulação de algo real” (Aurélio; Silveira; Ferreira, 1999, p. 819).

Para superar esse ponto crítico, uma das propostas é pensar a subjetividade como intersubjetividade, e então a liberdade por meio da intersubjetividade. É uma tentativa válida porque o mundo virtual realmente transformou a intersubjetividade – que era separada por espaços – em curto – circuito: há ao mesmo tempo você e o outro, no espaço virtual. (Forbes; Júnior; Júnior, 2005, p. 33)

A ideia subjacente aqui é o fato de ao vestir essa máscara, reprimindo o seu lado obscuro e, portanto, desprovido de substância, esse novo ser que se apresenta, talvez seja, uma resposta à complexidade das relações interpessoais. Entretanto, o que o panorama das relações virtuais nos expõe é justamente o aspecto de que quanto mais essa máscara cobre um rosto, na tentativa de dar-lhe consistência, mais insosso é sua constituição, menos substância há, e cai-se no espetáculo do solipsismo, em que o prazer e sua satisfação imediata vêm no lugar dessa lacuna abissal que habita todo ser humano.

Assim, o sujeito do *Kinder Ovo* apresenta a solidão como condição de possibilidade do humano, mas a realidade virtual revela sua sustentação na atualidade. Na pós-modernidade assistimos um convite para o aprisionamento no eu e, portanto, na solidão. As solidões aparecem em diferentes figuras podemos citar as reflexões de Lasch sobre a cultura do Narcisismo que aponta para a solidão. Lasch (1983) revela “novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização, novos modos de se organizar a experiência” (p. 76). Para o citado autor a sociedade atual que opera o enfraquecimento do vínculo social e, assim, o sujeito tende a minimizar seu campo de investimento libidinal. Nesse sentido, presenciamos ações que revelam uma falta de pesar, uma superficialidade, uma falta de compromisso com o campo do outro, ações estas legitimadas pela volatilidade, fluidez e liquidez dos laços, Haroche (2008) conduzindo a um estado de indistinção entre um sujeito e o outro, depois de sobrepujados os limites e fronteiras anteriormente estabelecidos. As características narcisistas da sociedade contemporânea podem ser visualizadas em certos padrões como temor intenso da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade (Lasch, 1983, p. 57). Corroborando o pensamento de Lasch sobre a condição de aprisionamento em si podemos citar as reflexões de Kumar (1997) sobre a sociedade pós-industrial. Para Kumar “as sociedades contemporâneas demonstram um novo ou reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo” (p. 132). O corpo não é mais um limite para o sujeito, pois os novos modos de comunicação ultrapassam nossas velhas noções de tempo e espaço. O eu pode expandir seu corpo para outro país, porque a realidade virtual possibilita uma simulação da realidade, que subtrai a própria realidade cotidiana.

Harvey (1992) nos oferece uma reflexão sobre a condição de solidão inerente ao individualismo quando apresenta a discussão sobre a aceleração do tempo re-

presentada pela busca do volátil e efêmero no cotidiano da vida como Fast Food, os bancos eletrônicos, os serviços pela internet. O autor anuncia:

Passagem do consumo de bens para o consumo de serviços (eventos, espetáculos). Aumenta o fornecimento de serviços bastante efêmeros em termos de consumo (diga não aos bens duráveis) A primeira consequência é acentuar a volatilidade e efemeridade – instantaneidade (alimentos, refeições) – descartabilidade (pratos, talheres), mas isto significa também atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. (p. 258)

A oferta do descartável, do *fast food* alimenta a solidão, o eu não precisa do outro no seu cotidiano. Outro elemento que aparece na pós-modernidade que vincula consumo com solidão de uma maneira eficiente é a manipulação psicológica da indústria farmacêutica na produção de patologias que podem ser curadas com a compra de um determinado medicamento. Sabemos que a doença e a saúde pertencem, simultaneamente, ao domínio privado e ao público. O palco do adoecimento é o corpo, portanto a experiência da doença se situa no campo do espaço privado e singular. Mas, por outro lado, as definições de saúde e doença são construídas socialmente, portanto se localizam no âmbito do domínio público. A sociedade define os padrões de normalidade. Nessa interseção complexa entre o privado e o público, entre o singular e o universal se instauram as diferentes movimentações conceituais sobre o normal e o patológico. Aproveitando essa rede complexa que determinam as definições de saúde a indústria farmacêutica cria doenças e medicamentos para serem consumidos.

Lipovetsky (1983) afirma que há um momento em voga, sobretudo, do individualismo na sociedade ocidental e democrática. Vivemos um instante atravessado pelas fraturas, pela possibilidade de quebra daquilo imposto, a valorização do consumo. Desse modo, podemos pensar, sob a ótica deste autor, numa sociedade pós-moderna marcada pelo terreno das possibilidades, cujo individualismo abre uma avenida outrora ocupada pelos rígidos valores impregnados na sociedade moderna. E de acordo com o autor em questão, o narcisismo inaugura a pós-modernidade, ainda que considerada sua indiferença histórica, em cujo esplendor e euforia nos apresenta um suposto novo sujeito em palco renovado de tradições e contradições.

Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. (Lipovetsky, 1983, p. 32)

O momento em voga pode ser designado como um instante do imediatismo, “Viver o presente, nada mais do que o presente, não mais em função do passado e do futuro” (p. 33) em cujo cenário fulgura uma sobrestimação da esfera privada, isto é, o seu hiperinvestimento.

O modelo econômico capitalista, cuja emergência deu-se de modo concomitante à modernidade, utilizou da ideologia desta enquanto difusora do individualismo para empreender seu projeto. O cenário contemporâneo apresenta-se enclausurado numa lógica cíclica do consumo, estimulado pela individualização dos comportamentos. E este constitui um dos aspectos que configuram uma “transformação antropológica do sujeito” em cujo esplendor pode-se vislumbrar significativo enaltecimento exterior através do elogio à visibilidade em detrimento do empobrecimento interior, Birman (2008). Constata-se a presença de uma lógica utilitarista do consumo a qual guia a estratégia do capitalismo e leva às ruínas a cultura erudita. Isto, pois, uma vez submetida ao imperativo consumista que cuida, não antes de uma oferta despreziosa, mas sim da imposição daquilo que deve ser ou não adquirido, funcionando como meio poderoso propagador de ideologias e seduções.

O que resta no momento em que o capitalismo funciona pela libido, pela criatividade e pela personalização? O afrouxamento pós-moderno liquida o torpor e o enquadramento ou o transbordamento niilista: a descontração elimina a fixação ascética. Desconectando o desejo dos arranjos coletivos, fazendo as energias circularem, controlando os entusiasmos e as indignações relativas ao social, o sistema convida ao repouso, ao desengajamento emocional. (Lipovetsky, 1983, p. 20)

Dessa forma, efeitos nefastos produzidos pela ideologia capitalista ancorada e sustentada pelo projeto da modernidade, cuja promessa maior centra-se na libertação deste sujeito atrelado antes às tradições. Vislumbra-se na contemporaneidade um sujeito que caiu na armadilha por ele mesmo produzida. E por isso resultou não menos que na produção de um ser solitário, prisioneiro de uma busca frenética rumo à satisfação de seus mais sublimes e pormenores prazeres, diluídos sob o slogan da sociedade pós-moderna em cuja premissa molda-se a condição de uma sociedade do bem-estar e estar bem.

Tratar-se-ia de uma nova forma de niilismo, de uma estratégia de dominação perversa ou de um tipo específico de economia psíquica que implica a anulação de si ou, ao menos, uma hesitação, um mal-estar e uma perturbação permanentes? Hoje, a posse de si parece requerer a inconsistência do eu ou conduzir até ela. (Haroche, 2008, p. 134)

Assim, em meio a um ritmo acelerado de coisas e acontecimentos, vê-se um convite ao repouso, à inércia, o que por sua vez encoraja a um possível desar-

ranjo da vida social e coletiva, isto é, proporciona uma desconexão sem precedentes entre os indivíduos, e subseqüentemente o aprisionamento do eu.

A condição de solidão é inerente ao eu, mas o sujeito para alcançar sua dignidade humana deve ser pensar no campo do outro. E como falar em alteridade, ou mesmo figuras de alteridade em tempos sombrios, em cujo breu maior está o espectro do narcisismo como poderoso agente da personalização amplamente difundido pela ideologia capitalista e ostensivamente divulgada pela mídia?

Todavia, constata-se que a ciência e seus progressos que emergiram como grande promessa a salvaguardar a felicidade do homem não foi suficiente no alcance desta realização. Desta forma, podem-se vislumbrar os efeitos, em sua face negativa, desta abertura ao individualismo promovida pela modernidade. A ciência, promessa de progresso parece estar fazendo um movimento em oposição à humanidade e mesmo de negação do sujeito. “Por que a ciência, concebida pelas ideologias do progresso como instrumento de emancipação e realização da humanidade, parecia voltar-se contra o próprio homem” (Drawin, 1998, p. 11).

Neste sentido, a manipulação psicológica da indústria farmacêutica possibilita e mesmo incentiva a produção de novas patologias, cuja promessa centra-se na utilização de um determinado medicamento visando à cura de uma doença. O que seria, sobremaneira, nas palavras de Maria Rita Kehl (2007) “transformar a angústia em sintoma medicável” (p. 50). Os avanços na medicina e, dentre os efeitos mais evidentes deste progresso, a indústria da medicalização encontra-se sobre a mais ampla promessa no que tange às intervenções terapêuticas ofertadas na atualidade. Terapêuticas estas que cuidam antes de promover novo e subseqüente enclausuramento do *eu*, num cenário de deserção, sobretudo. Cala-se o sujeito no momento mesmo em que se introduz medicação, em que se anestesia os nervos, a dor, a angústia. É o sujeito em seu estado de apatia, indiferença e caos diante de considerável urgência subjetiva e solidão.

Assiste-se no cenário atual um comprometimento das noções de tempo e espaço, que podem por sua vez conduzir a uma severa transformação nos modos de subjetivação, bem como configurar observados danos às personalidades e funcionamentos psíquicos, ressaltados os “efeitos desestruturantes que provocam uma profunda redefinição da forma moderna do sujeito” (Dufour apud Haroche, 2008, p. 129).

Os registros do imediatismo e da instantaneidade traduzem a relação do indivíduo (hiper) contemporâneo com o tempo, em cujo esmaecimento das fronteiras observa-se o afrouxamento do seu vínculo com o espaço e subseqüente perda de limites, aspectos estes que subjazem os contornos da esfera da Globalização, os quais validam a fluidez da sociedade pós-moderna. No âmbito desta análise podem-se vislumbrar consideráveis conseqüências dentre estas o desen-

gajamento produzido por tal contexto, sob formas extremas de individualismo descobertas nas sociedades narcisistas, conforme nos aponta Lasch (1983).

Modifica-se, portanto, a paisagem das relações do indivíduo com o outro, com o tempo, com o espaço. Os laços, as interações, os vínculos caracterizam-se por sua efemeridade, volatilidade, fragilidade e comprometida intensidade. E testemunhado desengajamento deste indivíduo, como conjecturar sua saída deste panorama de solidão e solipsismo atroz, que cuida antes de inseri-lo no incipiente niilismo, acima descrito?

Assim, o eu só pode sair da solidão aprisionante se enfrentar a dor da existência sem anestésias produzidas pela medicalização ou quaisquer convite outro, seja pelo viés do descartável, do prazer efêmero, da realidade virtual, estampados nas vitrines ofertadas pela sociedade pós-moderna.

## Referências

- DRAWIN, C. R. As seduções de Odisseu: paradigmas da subjetividade no pensamento moderno. In: C. R. Drawin. *Cultura da ilusão*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p. 9-36.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FORBES, J.; JÚNIOR, M. R.; JÚNIOR, T. S. F. (Orgs.). *A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade*. Barueri: Manole, 2005.
- FREUD, S. (1930). O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.
- HAROCHE, C. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. *Outro Olhar*. v. 5, n. 6, p. 42-55, 2007.
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial a pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LASCH, C. A personalidade narcisista de nossos dias. In: Lasch, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 55-78.
- LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ZIZEK, S. Chocolate e identidade. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 22.12.2002, p. 12-13.

\_\_\_\_\_. Identidades vazias. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 7.1.2007, p. 10.

## Resumos

*This article is meant to make a read of self and loneliness from a reflection on the contemporary individualism. One of the novelties of modernity is the valuation of individual autonomy, and this new configuration creates the space for the exacerbation of an individualistic stance by pointing self to the beginning and end of all things. In post-modernity witnessed a call for imprisonment in self and, therefore, in solitude. The loneliness appear in different figures we quote the reflections of Lasch (1983) on the culture of narcissism that points to the loneliness. To the cited author the society now operates the weakening of social bonds and thus the subject tends to minimize its field of libidinal investment. In this sense, we witness actions that reveal a superficiality and a lack of commitment to their field. Lipovetsky (1983) argues that in western society and democracy, among other trends, especially for a rise of individualism. We live in a moment crossed by fractures, the possibility of a break of that duty, the recovery in consumption. Narcissism inaugurates postmodernity, even considered its historical indifference, in whose radiance and euphoria presents us with a supposed new subject on stage for renewed traditions and contradictions. Thus, the self can only get out of imprisoning loneliness to face the pain of existence, this "central void" Zizek (2002), with no anesthesia produced by medication or any other invitation, whether from the perspective of the disposable, ephemeral pleasure, virtual reality, printed in the windows offered by post-modern society.*

**Key words:** Psychoanalysis, interdisciplinarity, loneliness, individualism, postmodernism

*Cet article fait une lecture du moi et de la solitude à partir d'une réflexion sur l'individualisme contemporain. L'une des nouveautés de la modernité est la valorisation de l'autonomie individuelle, cette nouvelle configuration crée l'espace pour l'exacerbation d'une attitude individualiste montrant le moi comme le début et la fin de toutes choses. Dans la post-modernité on témoigne d'un appel à l'emprisonnement dans le moi et, par conséquent, dans la solitude. Les solitudes apparaissent dans différentes figures, comme on voit dans les réflexions de Lasch (1983) sur la culture du narcissisme qui pointe vers la solitude. Pour lui, la société opérée aujourd'hui l'affaiblissement des liens sociaux donc le sujet a une tendance à minimiser*

*son champ d'investissement libidinal. En ce sens, nous assistons à des actions qui révèlent une superficialité et le manque d'engagement avec le champ de l'autre. Lipovetsky (1983) soutient que, dans notre société occidentale et démocratique, parmi d'autres tendances, il y a, surtout une ascension de l'individualisme. Le narcissisme inaugure la post-modernité, même si l'on considère son indifférence historique, dont le rayonnement et l'euphorie nous présente un supposé nouveau sujet sur la scène renouvelé des traditions et des contradictions. Ainsi, le moi ne peut sortir de la solitude emprisonnant que s'il fait face à la douleur de l'existence, ce «noyau vide» Zizek (2002), sans aucune anesthésie produite par des médicaments ou tout autre invitation, que ce soit dans la voie du jetable, du plaisir éphémère, la réalité virtuelle, étalés dans les vitrines offertes par la société post-moderne.*

**Mots clés:** Psychanalyse, interdisciplinarité, solitude, individualisme, postmodernisme

*Este artículo pretende hacer una lectura sobre el ego y la soledad de una reflexión sobre el individualismo contemporáneo. Una de las novedades de la modernidad es la valoración de la autonomía individual, y esta nueva configuración crea el espacio para la exacerbación de una actitud individualista, señalando el ego como el principio y fin de todas las cosas. En la post-modernidad testigo de una convocatoria de prisión en el auto, por tanto, en la soledad. Las soledades aparecen en diferentes figuras citamos las reflexiones de Lasch (1983) sobre la cultura del narcisismo que apunta a la soledad. Para él, la sociedad ahora opera el debilitamiento de los lazos sociales, por tanto el sujeto tiende a minimizar su campo de la inversión libidinal. En este sentido, testigos acciones que revelan una superficialidad y la falta de compromiso con el campo del otro. Lipovetsky (1983) sostiene que, en La sociedad occidental y democrática, entre otras tendencias, hay especialmente un aumento del individualismo. El narcisismo inaugura la posmodernidad, incluso si se consideran su indiferencia histórica, en cuyo fulgor y la euforia nos presenta un supuesto nuevo sujeto en el escenario nuevo de tradiciones y contradicciones. Así, el ego sólo puede salir de encarcelar a la soledad si afrontar el dolor de la existencia, y el "núcleo vacío" Zizek (2002), sin anestesia producida por medicamentos o cualquier otra invitación, ya sea desde la vía del desechables, del placer efímero, de la realidad virtual, impreso en las escaparates que ofrece la sociedad post-moderna.*

**Palabras claves:** Psicoanálisis, interdisciplinariedad, soledad, individualismo, postmodernismo

**Citação/Citation:** Penna, P. S. V. & Moreira, J. O. O eu e o peso da solidão : uma leitura sobre o individualismo contemporâneo. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 54-64, novembro de 2010.

*Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*, v. 7, n. 2, p. 54-64, novembro de 2010

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, Profa. Dra. Junia de Vilhena e Profa. Dra. Ana Cecilia Magtaz.

**Recebido/Received:** 23.5.2010/5.23.2010 **Aceito/Accepted:** 18.6.2010/6.18.2010

**Copyright:** © 2010 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited

**Financiamento:** Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support of funding to report.

**Conflito de interesses:** Os autores declaram que não há conflito de interesse/The authors declares that they have no conflict of interest

**PRISCILA SOUZA VICENTE PENNA**

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG, Brasil); mestranda do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG, Brasil); Bolsista FAPEMIG.  
Rua Santo Antônio do Monte, 93/402  
30330-220 Belo Horizonte, MG, Brasil  
e-mail: psvp.penna@gmail.com

**JACQUELINE DE OLIVEIRA MOREIRA**

Psicóloga Clínica; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil); Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, Brasil); Professora do Mestrado de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG, Brasil).  
Rua Congonhas, 161  
30330-100 Belo Horizonte, MG, Brasil  
e-mail: jackdrawin@yahoo.com.br